

VI Seminário Internacional - Teoria Política do Socialismo:

"Lênin 90 anos depois - política, filosofia e revolução"

25 a 27 de novembro de 2014

GT – VII: Pensamento Marxista

HEGEMONIA, IMPERIALISMO E GEOPOLÍTICA:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO ESPAÇO EM GRAMSCI E LÊNIN

Érika Laurinda Amusquivar¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir os conceitos-chave – hegemonia e imperialismo – nas obras de Antonio Gramsci e Vladimir Lênin, respectivamente, a partir de uma análise do espaço e da geopolítica dos fenômenos históricos. Apesar de algumas divergências conceituais, ambos os autores marxistas discorrem sobre a correlação entre “Estado – Capital – Sociedade” e como esses se organizam a partir de um espaço. O artigo prioriza as obras de Lênin em especial “Imperialismo, fase superior do Capitalismo” e Gramsci em “Cadernos do Cárcere” para analisar como o Imperialismo, por um lado, pode ser analisado pela matriz territorial, principalmente enquanto fenômeno da partilha do mundo entre grupos capitalistas e, por outro, compreender a hegemonia como uma fonte de poder da classe dominante ao qual se desenvolve em um determinado contexto histórico e lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Hegemonia; Imperialismo; Geopolítica.

ABSTRACT

This article aims to discuss the key concepts - hegemony and imperialism - in the works of Antonio Gramsci and Vladimir Lênin, respectively, from an analysis of space and geopolitics of historical phenomena. Despite some conceptual differences, both Marxist authors discuss the correlation between “State - Capital – Society” and how these are organized from a space. The article focuses on the works of Lênin special "Imperialism,

¹ Graduada em Ciências Sociais – UNICAMP e Relações Internacionais pela FACAMP; Mestre em Ciência Política – UNICAMP e Doutoranda em Ciência Política – UNICAMP. É professora de Relações Internacionais na FACAMP e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Marxismo e Pensamento Político (GPMPP)/ UNICAMP coordenado pelos Profs. Dr. Álvaro Bianchi e Dr. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos.

the Highest Stage of Capitalism" and Gramsci in "Prison Notebooks" to analyze how imperialism on the one hand, can be analyzed by the territorial matrix, mainly as a phenomenon of the division of the world between capitalist groups, and secondly, to understand hegemony as a source of power of the ruling class which develops in a particular historical context and place.

KEYWORDS: Hegemony; Imperialism; Geopolitical.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre a dinâmica capitalista e o sistema de Estados em um determinado **espaço** tem exercido um papel importante para o debate do pensamento político contemporâneo, e não tem se restringido apenas no campo de estudo da geografia. Podemos identificar alguns traços da discussão espacial também no pensamento político marxista, entre eles nas obras carcerárias de Antonio Gramsci, sobretudo na obra *Quaderni del Carcere* (Cadernos do Cárcere) e também seus intérpretes e de Vladimir Lênin, principalmente em *Imperialismo, fase superior do capitalismo* ao qual puderam adensar a análise da relação lógica estabelecida entre o desenvolvimento das relações sociais e a perspectiva capitalista. Tal relação se apresenta em um contexto histórico específico e desenvolvido em um determinado espaço. Isto porque a abordagem de ambos os autores em quase todos os conceitos fundamentais tocam em questões como **lugar, espaço e escala** e, sobretudo, como essas questões são interligadas a uma noção de poder. Para Gramsci, tal preocupação é latente e, ainda que pouco estudado pela literatura recorrente, sua inquietação acerca do tema “*está enraizado na sua preocupação profundamente historicista com o espaço-temporalidade de todas as relações sociais*” (JESSOP, 2007: 40). Para Lênin, a preocupação espacial se encontra na medida em que o processo de desenvolvimento do capital, até chegar a sua etapa superior (capital financeiro) apresenta uma divisão geográfica do mundo cujos principais agentes são os grupos capitalistas.

Ao se analisar a dinâmica das relações sociais a partir do processo capitalista, é possível notar como tal desenvolvimento se mostra desigual em diferentes regiões e o papel do **Estado** é preponderante (BIANCHI, 2006), uma vez que representa uma modificação intensa das relações econômico-sociais, porém com um movimento popular enfraquecido (KEBIR, 2003: 149). Segundo a ótica marxista, ao Estado caberia fornecer as

bases para a modernização capitalista, seja em termos econômicos, políticos ou sociais para conter a sociedade civil e concomitantemente impulsionar as classes responsáveis em promover o desenvolvimento. Destarte, tem-se o Estado como construtor da dinâmica social e das instituições subordinadas a ele e a malha democrático-burocrática que é tecida utilizando-se da estrutura estatal. Portanto, é perceptível a presença de três sistemas interligados – do Estado, do capital e da sociedade – em meio ao contexto de desenvolvimento do Capitalismo estabelecendo conexões a partir de um determinado espaço. Esses diferentes espaços, no entanto, devem ser compreendidos em termos de um **desenvolvimento desigual** (MORTON, 2007). Em outras palavras, devemos analisar como a sociedade capitalista é delineada a partir de espaços desiguais, ao qual este último é projetado em cima de interesses divergentes que dá origem a transformações geográficas e espaciais de poder distintas (MORTON, 2007). Assim, temos o processo de hegemonia, de um lado, e a expansão do Imperialismo de outro como principais fenômenos que exibem a importância de se pensar os espaços para a reprodução do Sistema Capitalista em consonância ao Sistema de Estados, segundo Gramsci e Lênin, respectivamente.

À luz da problemática anterior, podemos iniciar nossa discussão sobre a importância das questões espaciais, com ênfase à relação entre **Estado e Capital**. Ressalta-se, no entanto, que esse artigo não tem a pretensão de esgotar o tema, mas de iniciar uma investigação sobre como os autores marxistas concebem o desenvolvimento do século XX. Em um primeiro momento, indicaremos como Antonio Gramsci delineia suas considerações sobre hegemonia (e também sua forma incompleta de hegemonia, a revolução passiva) ao entender a relação “Estado – Capital – Sociedade” por meio de um aparato orgânico, concebendo assim a geopolítica como um “estudo em movimento” ao qual o nexo causal seria derivado das relações sociais dentro de um espaço e não uma situação espacial determinística das relações de poder. Em seguida, observaremos como a proposta de análise do Imperialismo de Lênin reflete a necessidade de se pensar o espaço pelo qual a política expansionista do poder por meio do capital (sobretudo financeiro) busca situar e reafirmar seu poder. Em outras palavras, verificaremos como a estratégia geopolítica dos Estados em “ocupar” territórios atrativos é uma derivação do interesse de grupos capitalistas em busca de expandir sua valorização do capital. Por fim, à luz do debate espacial e geopolítico sobre os principais temas elucidados – hegemonia e Imperialismo – traçaremos breves apontamentos sobre as perspectivas de ambos pensadores marxistas: Antonio Gramsci e Vladimir Lênin.

2. HEGEMONIA E A ORGANIZAÇÃO GEOPOLÍTICA EM GRAMSCI

Para Antonio Gramsci, o **espaço** em que o Estado irá ser construído é concebido como uma estrutura **orgânica** (BARATTA, 2004). Isso significa que as relações sociais são construídas em determinados espaços, mas não existe uma estrutura pré-estabelecida aos quais as relações serão determinadas pelas características especiais. Segundo Michael Ekers (EKERS, et. al. 2013)

o espaço, a natureza e a política são momentos constitutivos dentro de uma filosofia geral da práxis. Estes três momentos de forma constitutiva as possibilidades dentro um do outro e estão relacionados internamente. Em movimento entre o espaço, a natureza e a política exige um processo de tradução e em última análise, um novo "momento" de síntese e uma abordagem distinta para tanto geográfica quanto o pensamento gramsciano. (EKERS, et.al.2013 p. 16)

Para se compreender a importância do espaço para Gramsci, Bob Jessop em *"Gramsci as a spacial theorist"* (2007) aborda como o italiano discute a espacialização, bem como historicização de suas categorias analíticas em suas obras carcerárias. Para Jessop, a questão da espacialização e da temporalidade das relações sociais é fundamental para a compreensão do desenvolvimento da hegemonia. Entretanto, apesar de não ser explícito, Gramsci entenderá o espaço como um organismo geoeconomicamente diferenciado (JESSOP, 2006: 28). Isso significa que as relações capitalistas se originam em um determinado espaço ao qual é construído historicamente. É nesse ponto em que hegemonia se desenvolve.

Sucintamente, o conceito de **hegemonia** proposto por Gramsci advém da ideia de força e consenso; em algumas passagens é compreendido como direção política. David Harvey (2003) aponta as diferentes acepções que o termo possui. Segundo Harvey,

O termo se refere por vezes somente ao poder político exercido mediante a liderança e o consentimento dos governados, em oposição ao poder político exercido na forma de dominação via coerção. Em outras ocasiões, parece referir-se à combinação específica de coerção e consentimento inerentes ao exercício do poder político (HARVEY, 2003, p. 38).

Em contrapartida, temos o outro par no conjunto de categoria analítica proposto por ele: a **revolução passiva**. Essa forma incompleta de hegemonia é caracterizada a partir da *"reorganização do poder do Estado e as relações de classe, bem como a constituição de formas políticas para atender a expansão do capitalismo como modo de produção"* (MORTON, 2010: 316). Isso significa que o processo de ruptura de uma ordem anterior para o advento de uma nova foi interrompido devido ao fraco desenvolvimento da estrutura econômica em determinadas regiões. Desse modo, a organização do capitalismo e das

relações sociais fica subordinada às estruturas que não permitem a modernização completa, mas uma espécie de “modernização-restauração”, tendo o Estado como suporte, tal como sublinha Cox (2007) para organizar a sociedade civil, dado que “*nenhuma classe dominante conseguiu estabelecer hegemonia no sentido gramsciano do termo*” (COX, 2007: 110). Na revolução passiva, isto é, na forma incompleta de hegemonia, então, o Estado substitui os grupos sociais locais por uma luta por renovação, exercendo uma dominação sem o sentido de liderança, ou como o próprio Gramsci se expressa: “ditadura sem hegemonia” (GRAMSCI, 1975:1823, Q15 §59), isto é, uma revolução que prescinde da participação popular ativamente (MORTON, 2010: 317)². Temos, portanto, uma importância da hegemonia, mas também da revolução passiva no desenvolvimento de poder em face ao processo capitalista.

Uma vez que Gramsci entende que as relações são delineadas no tempo e no espaço, o autor também apresenta fortemente um teor historicista. E esse caráter histórico está fortemente articulado à questão espacial: não se pode entender o desenvolvimento da unificação do povo, a construção da hegemonia ou da revolução passiva sem partir da ideia de um espaço organicamente construído. Em muitas passagens na obra carcerária Gramsci remete à espacialidade metafórica das relações e práticas sociais, como por exemplo, a referência do “Ocidente/Oriente”; “Norte/Sul”; “Guerra de Posição/Guerra de Movimento”; “Hegemonia/Revolução Passiva”, entre outros. Assim, o espaço discutido por Gramsci não se refere a apenas um lugar geograficamente definido, mas ligado também à memória coletiva e identidade social (JESSOP, 2006: 30). E tal pluralidade de construções identitárias permitiu com que Gramsci identificasse os diferentes limites de espacialidade e significância social.

Carlos Nelson Coutinho (2007) também sublinha a percepção de Gramsci sobre Ocidente e Oriente. Segundo Coutinho, esses “*não são conceitos geográficos, mas iniciam diferentes tipos de formação econômico-social, em função sobretudo do peso que neles possui a sociedade civil em relação ao Estado*” (COUTINHO, 2007: 82, grifo nosso). O espaço e, conseqüentemente as relações sociais desenvolvidas a partir dele na concepção de Gramsci, revela uma crítica à noção tradicional de geopolítica, sobretudo uma crítica à

² Nesse ponto é necessário advertir que nem todas as formas incompletas de hegemonia necessariamente são revoluções passivas. Os três exemplos das revoluções passivas a que Gramsci discute são: i. Risorgimento; ii. Fascismo italiano; iii. Americanismo e fordismo. Em todas essas formas, Gramsci discutirá a importância da mediação do Estado (BIANCHI, 2006: 48) e da singularidade histórica e espacial.

perspectiva da geopolítica tradicional de que a definição do Estado é subordinada às características territoriais em que se encontra, bem como suas relações.

Gramsci ao conceber que os limites espaciais dependem das relações sociais que lá são construídas, refuta a ideia de que o espaço existe em si, de forma independente (JESSOP, 2006: 30-31). A partir da construção das relações sociais que será possível entender o desenvolvimento e o papel do Estado. E é por isso que a formação do Estado e suas relações de poder em que a questão da organicidade da geopolítica aparece. Isso porque Gramsci entende que o território nacional não está predeterminado, embora ele seja condição necessária para materializar o poder do Estado, bem como seu aparato burocrático.

Adam David Morton (2007; 2010) também apresenta uma leitura peculiar sobre o espaço nas obras de Gramsci, pois discute a relação entre a geopolítica e a revolução passiva do capital, na qual resgata a importância de se compreender a direção geopolítica mundial a partir dos desdobramentos do capitalismo, já que ambos não podem ser dissociados. Sua premissa está na concepção de desenvolvimento desigual ao qual apresenta a relação entre a geopolítica e os tipos de revolução passiva, mais especificamente, o americanismo e fordismo. Segundo Morton, tais tipos originam a direção política do capital por meio da relação entre a geopolítica e o sistema de Estados.

Todas as formas de hegemonia/revolução passiva tiveram um ponto de congruência: detectou-se um **desenvolvimento desigual**, isto é, em um mesmo espaço pode-se apresentar diferentes graus de modernização e articulações de classe, tal como na Itália, o que proporcionou uma formação de classes e de Estado peculiar derivados da geopolítica e do capitalismo. Mas é nesse ponto que a geopolítica deve ser concebida como um espaço em que as relações sociais são construídas organicamente (MORTON, 2007: 48) e não como a geopolítica tradicional é definida em termos determinísticos.

Morton, assim como Jessop (2006), pretende discutir a importância da geopolítica na obra de Gramsci. E esse conceito de geopolítica busca ser distinto da visão tradicional da geopolítica que durante muito tempo conseguiu produzir políticas de governo, como por exemplo, à geopolítica tradicional do sueco Rudolf Kjellen (Cf. JESSOP, 2006; MELLO, 1997). Morton ao se referir à passagem sobre a geopolítica na obra carcerária de Gramsci expõe uma nota importante à crítica de Kjellen ao qual explicita que

No nível *geopolítico*, Gramsci visou ir além de um relato que ofereceria simplesmente um “manual do homem de Estado” da geopolítica, evidente no trabalho de Rudolf Kjellen, explicitamente criticado como uma tentativa de construir uma ciência do Estado e da política que se baseava na territorialidade do Estado como um pressuposto, algo dado (GRAMSCI, 1995, p. 195, Q2 §39 *Apud* MORTON, 2007, p. 50).

A concepção orgânica de espaço já afastava Gramsci da geopolítica tradicional ao entender que todo o desenvolvimento capitalista, bem como o sistema de Estados não pode ser determinado apenas por uma condição geográfica. Esse determinismo passa a ser deslocado por uma ideia de especificidade história aos quais as relações geopolíticas estão interiorizadas na própria constituição do capitalismo (MORTON, 2007, p. 52) e, portanto não são apenas determinantes de sua posição geográfica no mundo.

É desse modo que as relações de poder, bem como a afirmação do Estado se originam. Não podemos compreender a estrutura de poder sem que essa possa ser associada ao espaço ao qual é produzida tal relação. Assim, as formas de hegemonia plena e também incompleta (denominada revolução passiva) conformam o espaço, contribuindo para o estudo das relações de poder a partir do espaço, ou seja, para o estudo da **geopolítica**. É nesse ínterim que problemática da geopolítica se insere, já que sua preocupação é entender as estratégias de formação do Estado em diferentes territórios que contemplam desenvolvimentos distintos. No entanto, para Gramsci a abordagem geopolítica clássica para compreender a hegemonia não é suficiente, uma vez que o autor compreende a filosofia da práxis como a própria realidade em movimento (BARATTA, 2004, p. 133).

A concepção tradicional geopolítica traduzida principalmente para o sueco Rudolf Kjellen compreende o Estado como sendo “escravo do território” (*Apud* MELLO, 1997, p. 33) onde todas as relações derivam da necessidade de se corporificar o Estado em torno de um território. É, portanto, determinístico, uma condição vital. Diferentemente de Gramsci, a geopolítica é derivada das relações sociais, dinâmica e não determinística (GRAMSCI, 1975, pp. 193-4, Q2, §39³).

Entre esse nexos causal que se busca encontrar, é possível entender que a diferenciação de espaço a partir da organicidade das relações sociais produzidas em um

³ A estruturação das obras carcerárias de Gramsci está separada em cadernos (“Q”) em que faz referência aos temas discutidos pelo pensador italiano e parágrafos (“§”) numa ordem cronológica de redação, segundo edição crítica organizada por Valentino Gerratana (COUTINHO, 2012).

determinado local, observa-se o fenômeno da Revolução Passiva em que o Estado assume um papel fundamental, não pelo seu caráter determinístico, mas como um ator que deve conciliar os interesses da modernização-conservadora, sem abrir mão das estruturas sociais anteriores (uma espécie de mudança reformística). Esse Estado é, pois, definido como “*um equilíbrio entre instituições coercitivas e hegemônicas, isto é, um equilíbrio entre a sociedade política, detentora dos instrumentos coercitivos, e a sociedade civil*” (HOBSBAWM, 2011, p. 293).

A partir da importância do Estado, pode-se encontrar a conexão entre as formas de poder hegemônica com a geopolítica. O espaço em que a hegemonia se desenvolve, apesar de passar pelo Estado (um agente orgânico), depende das condições históricas para que se possa delinear o poder hegemônico. Portanto, ao assumir que o Estado é o ponto fundamental por onde passa a política, o fio condutor das análises gramscianas, o essencial será as relações de poder que derivam da dinâmica capitalista a partir de uma **perspectiva orgânica da geopolítica**. A geopolítica, portanto, se articula à lógica do desenvolvimento capitalista e não está dissociada das relações sociais e de poder que se estabelecem em um determinado espaço.

3. A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO IMPERIALISMO EM LÊNIN

Vladimir Ilich Lênin apresenta em sua obra de 1916 – *Imperialismo, fase superior do capitalismo* (1987) – uma interpretação crítica sobre o fenômeno do Imperialismo a partir da obra do “ex”⁴ marxista Karl Kautsky, tomando como base a obra do liberal John A. Hobson (*O Imperialismo - 1902*). Segundo Hobson, o imperialismo era o excedente de capital, no qual deveria ser expandido, uma vez que matérias-primas e mão de obra eram as demandas mais sobressalentes. Lênin, por sua vez, endossa essa caracterização e afirma que Imperialismo é o capitalismo em sua fase monopolista, fruto do amadurecimento do capital que surge com o desenvolvimento das propriedades fundamentais do capitalismo (LÊNIN, 1987)

O contexto da I Guerra Mundial (1914-1918) pelo qual Lênin sublinha as características do Imperialismo foi significativo para que o autor pudesse analisar como o

⁴ Segundo as palavras do próprio Lênin, a quem dedicou boa parte de sua crítica às visões de Kautsky. (LÊNIN, 1987)

desenvolvimento da Grande Guerra fora, na realidade, a primeira guerra imperialista, ou seja, uma guerra de conquista pela partilha do mundo, pela redistribuição territorial das colônias e das zonas de influência. Desse modo, a expansão do capital industrial por meio da construção das estradas de ferro da infraestrutura foi determinante para que as grandes potências (em especial Estados Unidos, Inglaterra e Japão) ganhassem notoriedade no que se refere ao acúmulo de capital.

Destarte, podemos enfatizar que a expansão capital em determinadas regiões do mundo, associada à emergência do desenvolvimento desigual deve ser analisada também pela ótica espacial, principalmente pela vertente geopolítica ao qual a forma monopolista do capitalismo assumira a partir do início do século XX. Essa análise geopolítica, assim como em Gramsci, deve ser entendida não pela vertente determinística, mas pela organicidade a que o Imperialismo se apresenta ao remeter tal fenômeno a processo histórico.

No que se refere à dinâmica Imperialista, Lênin enfatiza a dominação dos monopólios e do capital financeiro pelo que ele denominou “grupos capitalistas” (LÊNIN, 1987, p. 66). A exportação de capitais conduzidos por esses grupos capitalistas assume uma importância em que o processo se inicia na partilha do mundo. Assim, a concorrência entre muitos capitais dá lugar à concentração e centralização de indústrias, ligados ao sistema bancário.

O Imperialismo provocado pelo advento do capital financeiro apresenta algumas peculiaridades, segundo o marxista (LÊNIN, 1987, p. 88):

1. Concentração da produção e do capital, isto é, o monopólio no sistema produtivo e financeiro;
2. Fusão do capital industrial e bancário, o que deriva o capital financeiro e a oligarquia financeira;
3. Exportação de capitais assume maior volume que exportação de mercadorias;
4. Formação de monopólios entre os grupos capitalistas transnacionais;
5. Partilha territorial do mundo entre os monopolistas.

Das cinco características fundamentais do Imperialismo, nos remeteremos às duas últimas. Isso porque é onde conseguimos identificar explicitamente a dimensão geopolítica do Imperialismo. Em toda a organização da nova etapa do capitalismo, a financeira, podemos interpretar que tal fase redistribui o poder de forma desigual – por meio da

concentração e centralização de capitais, o que provoca uma mudança no eixo de poder, alterando as estruturas de poder também dos Estados.

Assim, a partir das configurações imperialistas descritas por Lênin, portanto, o imperialismo é inevitável, pois nasce das determinações estruturais do capitalismo. Não se trata propriamente da eliminação de concorrência, mas da rivalidade das grandes potências, perpetuando assim as contradições dentro do capitalismo. Para ele, quanto mais rápido o desenvolvimento do comércio e do capitalismo, mais rápido o monopólio é originado, ou seja, o monopólio nasce da livre concorrência.

Esse processo de evolução do imperialismo provoca monopólios que não trazem propriamente a liberdade, mas a dominação. Esses monopólios, por sua vez, indicam que o poder da classe capitalista se divide no mundo. Em outras palavras, o poder se reorganiza a partir de estruturas financeiras, o que acaba dividindo o mundo territorialmente entre os Estados usurários (dominantes) e Estados devedores (dominados). Segundo Lênin:

o capital financeiro é o resultado da fusão do capital de alguns grandes bancos monopolistas com o capital de grupos monopolistas industriais; e, por outro lado, porque **a partilha do mundo é a transição da política colonial que se estende sem obstáculos às regiões ainda não apropriadas por qualquer potência capitalista, para a política colonial da posse monopolizada de territórios de um globo inteiramente partilhado.** (LÊNIN, 1987, p. 88) (grifo nosso)

Temos, portanto, o Imperialismo como uma dinâmica geopolítica, uma vez que tal fenômeno força a partilha do mundo entre os grupos capitalistas. Isso significa que o Imperialismo traz um desenvolvimento desigual também em diferentes regiões do mundo:

Os grupos de monopólios capitalistas-cartéis, sindicatos, trustes – partilham o mercado interno entre si, assegurando-se da posse, mais ou menos absoluta, de toda a produção do seu país. Porém, em regime capitalista, **o mercado interno liga-se necessariamente ao mercado externo.** (LÊNIN, 1987, p. 66) (grifo nosso)

E por causa da partilha do mundo estar concentrada nas mãos de poucos agentes capitalistas⁵, a exportação de capitais pode envolver alguns conflitos, como a rivalidade intercapitalista ou a associação da burguesia metropolitana com a classe dominante da colônia. Se Lênin alega que o imperialismo é a etapa superior do capitalismo, então esses monopolistas só conseguem esse status por meio do uso da violência, sobretudo atrelando o aparelho estatal de modo a obter e legitimar o controle desses grupos monopolistas em determinadas regiões do mundo.

⁵ Em seguida Lênin adverte: “este novo grau de concentração, à escala de todo o mundo, do capital e da produção é infinitamente mais elevado do que o de períodos anteriores” (LÊNIN, 1987, p. 66)

Devemos advertir que Lênin está preocupado com a partilha econômica do mundo, como descrito por ele:

A época do capitalismo moderno mostra-nos que entre os grupos capitalistas se estabelecem certas relações *baseadas* sobre a partilha econômica do mundo e que, paralela e conseqüentemente, se estabeleceram entre os grupos políticos, entre os Estados, relações entre os grupos políticos, entre os Estados, relações baseadas na partilha territorial do mundo, na luta pelas colônias, na “luta pelos territórios econômicos” (LÊNIN, 1987, p. 74)

No entanto, tal dinâmica do capitalismo financeiro não agrupou apenas o capital, mas também reorganizou o poder em sua forma espacial. O espaço é compreendido aqui como um “território econômico”, ao qual agrupa também os Estados, na sua dimensão interna e internacional. Temos assim, uma importância da análise geopolítica em meio ao contexto de Imperialismo, não como a noção clássica de geopolítica indicada no tópico anterior – a de que o Estado torna escravo das condições estruturais de seu território. Temos em Lênin a percepção de que as relações de poder provenientes da fase financeira também são históricas, o que permite a reavaliação da noção de poder – tanto dos grupos capitalistas, quanto dos Estados. Em outras palavras, para identificarmos o poder redistribuído de forma desigual, temos que entender as relações econômicas produzidas e redeterminadas nos diferentes territórios ao redor do mundo, isto é, como o capitalismo transforma o território não sendo determinante a ele, o que traz à tona a importância de se entender a dimensão espacial também em Lênin.

Por fim, o marxista russo destaca o modo com que o conflito de classe aparece nas diferentes suas regiões geográficas.

[Lênin] transforma o dualismo social da luta de classes de Marx, num dualismo geográfico. Não são apenas as classes que se opõem, mas zonas do mundo. Lênine vem considerar que o imperialismo, longe de significar um modo de produção diferente do capitalismo, constitui uma espécie de super-estrutura do próprio capitalismo, dado incluir, além da política, do Estado e do exército do capitalismo, a própria ideologia nacionalista e colonialista da ala mais activa da sociedade capitalista. Uma superestrutura que causaria perturbações a nível da própria infra-estrutura e de outras superestruturas. (MALTEZ, s/d.) (grifo nosso)

Uma das contribuições mais importantes do fenômeno do Imperialismo talvez se assente justamente na transformação do dualismo da luta de classes num dualismo geográfico, em que cada região do mundo tem o seu papel na lógica do desenvolvimento do capitalismo, ao passo que o fenômeno passa a ser global. E essa dualidade aparece, sobretudo, na disputa intracapitalista pela partilha do mundo. Podemos afirmar, portanto, que o marxista transpõe a lógica do conflito de classes da perspectiva interna também para

a dimensão internacional. Lênin apresenta o Imperialismo, portanto, também necessitando percorrer analiticamente as dimensões espaciais e geopolíticas do fenômeno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores – Antonio Gramsci e Vladimir Lênin – representaram uma nova reflexão para o pensamento marxista. Ambos os pensadores propunham uma análise histórica do desenvolvimento do Sistema Capitalista. Em suas obras podemos apontar a importância da relação “Estado – Capital – Sociedade” de modo a reestruturar as relações sociais presentes em cada época. Apesar dos pensadores se situarem em países diferentes e, portanto, lócus de análise distintos, ambos estavam preocupados em situar o pensamento marxista para responder os problemas daquela época: Gramsci com o avanço do fascismo na Itália e Lênin às vésperas da Revolução Russa. Respeitando as peculiaridades temporais e principalmente espaciais, existe uma convergência dos elementos analíticos presentes na obra de ambos os autores. A condição histórica e, sobretudo, a determinação do lugar a que esses autores traçaram suas respectivas histórias pessoais foram fatores cruciais para que os mesmos se dedicassem suas obras a entender os desdobramentos sociais em meio às transformações históricas, tendo como base a evolução do Capitalismo.

Assim, o artigo buscou compreender como essas transformações aparecem de modo desigual em diferentes regiões do mundo. No entanto, apesar de pouco estudadas, as questões espaciais e geopolíticas que perpassam as obras gramscianas e leninistas são de suma importância para se entender as formas plenas e incompletas de hegemonia para Gramsci e da emergência do Imperialismo para Lênin. Não obstante, embora as questões espaciais pudessem ser um dos pontos de convergência para analisarmos suas respectivas obras, devemos apontar algumas peculiaridades.

Em primeiro lugar, Gramsci enfatizava o caráter espacial em suas obras. Ao priorizar uma pesquisa sobre a teoria da história e da historiografia, em muitas passagens dos Cadernos, o autor busca nos remeter a alguns elementos que, se em um primeiro momento pudesse nos remeter à noção de lugar, na realidade nos era demonstrada que essa última era fruto de um caráter orgânico de espaço. O historicismo de Gramsci nos indicava que os espaços eram organicamente construídos, bem como as relações de poder. Isso nos garante uma nova concepção de geopolítica, isto é, aquela que estuda as relações de poder a partir de um espaço, mas não de modo determinístico, mas orgânico. Já Lênin, o caráter espacial se apresenta ainda como um ponto a ser investigado em suas obras por seus

intérpretes, embora em muitas passagens o “território” era descrito não só como uma noção de lugar, mas como o avanço do capitalismo financeiro conseguiu se difundir ao longo dos diferentes territórios. Isso fica evidente em uma das características do Imperialismo – a partilha do mundo pelos grupos capitalistas. A esse fenômeno podemos analisar que a determinação espacial que perpassa as relações de poder e, portanto, geopolítica, dependem também da organicidade dos agentes capitalistas financeiros.

Em segundo lugar, podemos inferir que as preocupações teóricas de Gramsci e Lênin tem, ao que parece, pontos de partida diferentes. Enquanto que o marxista sardo tinha como objetivo compreender a relação entre “Estado – Capital – Sociedade” utilizando o historicismo croceano por meio da concepção materialista da história (BIANCHI, 2007), o pensamento Lêninista estava ancorado no desenvolvimento capitalista de Hobson. Mas ambos os autores em muitas passagens demonstram um interesse em como o desenvolvimento capitalista era desigual e tal desigualdade desembocava justamente nos diferentes tipos de sociedade ao redor do mundo.

Por fim, Gramsci e Lênin estavam preocupados – respeitando suas peculiaridades – com a análise crítica da geopolítica. E essa nova perspectiva geopolítica, não obstante, era debruçada principalmente na perspectiva do desdobramento do capital e como esse afeta as relações de poder entre as sociedades/ classes. Gramsci apresenta a geopolítica como parte da concepção orgânica; Lênin a define como prática de partilha territorial entre os grupos capitalistas a partir de seus interesses particulares.

À luz dos pontos discutidos nesse artigo, podemos concluir que tanto Gramsci quanto Lênin tinham a intenção de contribuir com o pensamento marxista. Paradoxalmente, os autores se encontram em trajetórias pessoais distintas: Gramsci fora prisioneiro na Itália durante boa parte de sua breve vida⁶, na qual pode amadurecer suas ideias, deixando um legado de inúmeras cartas e pensamentos organizados postumamente. Lênin, por outro lado, fora um ferrenho ativista ao qual alçou a condição de chefe de Estado da Rússia. Entretanto, apesar da dualidade “prisão-liberdade”, ambos foram grandes pensadores aos quais transformaram profundamente o pensamento marxista. Destarte, ainda que não tenha se esgotado o assunto, este artigo buscou analisar brevemente como eles pensaram a questão espacial a partir dos fenômenos “Hegemonia” e “Imperialismo”.

⁶ Gramsci é preso em 1926 e fica até 1934, quando lhe é concedido a liberdade incondicional. Três anos mais tarde, 1937, o marxista sardo morre em decorrência de um derrame cerebral. (COUTINHO, 2011)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCHI, Álvaro. O laboratório de Gramsci. *Primeira Versão*, nº 136, 2007.

_____. Revolução passiva: o pretérito do futuro. *Crítica Marxista*, n. 23, p. 34-57, 2006.

BUEY, Francisco. Fernandez. Gramsci no mundo de hoje. In: COUTINHO, Carlos Nelson. *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

_____. O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréa de Paula. *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COX, Robert. Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método. In: GILL, Stephen. *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

EKERS, Michael, et. al. *Gramsci: Space, Nature, Politics*. Oxford: Wiley-Backwell, 2013.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*, vol. 3 Torino: Einaudi, 1975.

_____. *Cadernos do Cárcere*, vol. 3. Ed. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Cadernos do Cárcere*, vol. 6. Ed. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

JESSOP, Bob. “Estratégias de acumulação, formas estatais e projetos hegemônicos”. *Revista Idéias*, Campinas, ano 14, vol. 1, 2007, pp. 101-135.

JESSOP, Bob. Gramsci as a Spatial Theorist. In: BIELER, Andreas; MORTON, Adam David. *Images of Gramsci: connections and contentions in political theory and International Relations*. New York: Routledge, 2006.

LÊNIN, Vladimir. I. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1987.

MALTEZ, José Adelino. Teoria do Imperialismo. *Centro de Estudos do Pensamento*

Político – CEPP, s/d. Disponível em:
<http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/indexfro1.php3?http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/ideologias/imperialismo,_teoria_do.htm>

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *A geopolítica do Brasil e a Bacia do Prata*. Manaus: Ed. Universidade do Amazonas, 1997.

MORTON, Adam David. A geopolítica do sistema de Estados e o capitalismo global em questão”. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, nº 29, nov 2007, pp. 45-62.

MORTON, Adam David. The continuum of passive revolution. *Capital & Class*, vol 34 nº 3, out. 2010. Disponível em: <<http://cnc.sagepub.com/content/34/3/315>>

PIJL, Kees van der. O socialismo soviético e a revolução passiva. In: GILL, Stephen. *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.